



## ATRIBUTOS DIVINOS - I

Wikipedia - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Atributo\\_divino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Atributo_divino)

Na Teologia cristã um **atributo divino** é uma qualidade ou característica atribuída a Deus. Dada a condição especial de Deus, em que "Seus atributos coincidem com o Seu Ser", é comum os atributos serem chamados de **perfeições divinas**

- 1 Classificação
- 2 Exemplos de atributos
- 3 Sobre os atributos do Deus cristão
  - 3.1 O objetivo da onisciência de Deus
  - 3.2 Onipotência de Deus
  - 3.3 Vivacidade
  - 3.4 Materialidade
- 4 Teísmo aberto
- 5 Notas
- 6 Referências

### CLASSIFICAÇÃO

- **Atributos incommunicáveis** ou **exclusivos de Deus** são aqueles que enfatizam a distinção absoluta entre Deus e a criatura (não podem ser comunicados à criatura). Geralmente, fala-se deles por *via negativa*, afirmando aquilo que Deus não é - esta descrição é conhecida como teologia negativa ou apofática. Diz-se **incommunicável**, pois se refere a um atributo constituinte da natureza mesma de Deus.
- Atributos comunicáveis ou não-exclusivos de Deus são aqueles em que são encontradas semelhanças ou analogias na criatura, especialmente no ser humano, tais como amor, sabedoria, santidade, que podem ser comunicados e compartilhados pelas suas criaturas.

### Exemplos de atributos

Pode-se observar a seguinte lista de atributos (a partir de autores como Charles Hodge, Louis Berkhof, Wayne Grudem e Bruce Milne):

- **Atributos incommunicáveis**
  - **Asseidade** (do latim a se, "por si") ou **aseidade** (forma não-preferível) é atributo divino essencial e fundamental, que consiste precisamente em derivar sua existência de si mesmo, ou, identicamente, existir por si próprio, sem qualquer nexó exigível ou necessário de causalidade e efetividade, e vem a ser, na compreensão teológica, prerrogativa exclusiva de Deus, em razão do que é um dos atributos incommunicáveis.
  - **Imutabilidade** é a qualidade de não ser capaz de se alterar. É a crença de que Deus não pode mudar
  - **Infinitude**



- **Eternidade** (infinitude aplicada ao tempo) - é um conceito filosófico que se refere no sentido comum ao tempo infinito; ou ainda algo que não pode ser medido pelo tempo, porquanto transcende o tempo.
- **Imensidão** (infinitude aplicada ao espaço)
- **Simplicidade divina** é o atributo segundo o qual Deus não é constituído de partes. O conceito de simplicidade divina pode ser descrito da seguinte forma: o ser de Deus é idêntico aos seus atributos.
- **Onipotência** designa a propriedade de um Ser capaz de fazer tudo. É comum a utilização deste termo para designar o poder de Deus, nas religiões judaica, cristã e muçulmana. Na mitologia grega era atribuída aos deuses criadores (primordiais), junto da Onisciência e Onipresença. A onipotência de Deus é aquela perfeição divina pela qual Deus pode, pelo mero exercício de sua vontade, realizar tudo quanto Ele resolve levar a efeito, Salmos 115.3. A questão não é o que Deus pode fazer, mas o que Ele quer fazer. Há mais duas coisas que devem ser notadas:
  - Deus não usa todo seu poder - Ele poderia fazer mais do que fez, se quisesse, ou fazer, se quisesse. Ele tem poder sobre seu próprio poder.
  - A onipotência de Deus não exclui, mas toma como admitido a autolimitação deste poder. Assim é que temos o livre arbítrio do homem.
- **Onipresença** - é a capacidade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Em teologia, a onipresença é um atributo divino segundo o qual Deus está presente em todos os pontos da criação. Em conjunto à simplicidade divina, pode-se dizer que Deus está *totalmente* presente em cada ponto do universo.
- **Onisciência** é a capacidade de saber tudo infinitamente (*ad infinitum*), incluindo pensamentos, sentimentos, vida, passado, presente, futuro, todo universo etc. A onisciência é um conceito vastamente aplicado nas artes, como na literatura e em produções cinematográficas. Na maioria das religiões monoteístas esta habilidade extraordinária é tipicamente atribuída a um único Deus supremo, onde o conceito da onisciência se mantém tradicionalmente como uma verdade absoluta (i.e no cristianismo e no islamismo). Deus conhece todo o universo criado - matéria e espírito - na sua vastidão inconcebível, complexidade, a minúcia de suas partes, a sutileza dos pensamentos, a volição. Conhece tanto o possível como o real, existente, como se lê na bíblia sagrada, Isaías 48.18; o futuro como o presente esta na sua presença, Salmos 139. 2-4; Salmos 147-3 e 4. Este último aspecto da onisciência de Deus, como presciência, especialmente no que diz respeito às ações livres dos homens, apresenta um problema difícilimo, insolúvel ao homem. Como pode Deus conhecer com certeza as ações livres dos homens antes de eles nascerem, quando essas são determinadas unicamente por eles? Esta dificuldade tem levado muitos a negarem a presciência de Deus. Mas a Bíblia de forma clara afirma que Ele as conhece, Isaías 42.9; Isaías, 46.10. Alguns têm isso para outro extremo e negam o livre arbítrio do homem. Mas a verdade, embora incompreensível, está no meio termo. Convém lembrar que a presciência de um ato torna-o certo, mas não o obriga. Faraó foi livre e responsável pelo endurecimento do seu coração. Deus as conhece, isto é, as leis, e por isso sabe de antemão o que faremos. Todavia isto ainda não resolve todo o mistério.



- **Vivacidade** - O Deus bíblico se nos apresenta como Deus vivo. Dezenas de incidências do equivalente à expressão "Deus vivo" ou "assim como Eu vivo" aparecem na Bíblia, como mensagem direta de Deus ou por mensagem indireta de profetas ou apóstolos.
- **Materialidade** - É consequência da vivacidade.
- **Teísmo aberto** - É a teologia que nega a onipresença, a onipotência e a onisciência de Deus. Seus defensores apresentam outra definição onde afirmam pretender uma reavaliação do conceito da onisciência de Deus, na qual se afirma que Deus não conhece o futuro completamente, e pode mudar de ideia conforme as circunstâncias. Afirmam também, alguns defensores, que o termo "Todo-poderoso" não pode ser extraído do contexto bíblico, pois, segundo eles, a tradução original da palavra do qual é traduzida tal expressão havia se perdido ao longo dos séculos.
- **Atributos comunicáveis**
  - **Conhecimento** - Definimos o **conhecimento de Deus** como aquela perfeição pela qual Ele, de maneira singular, conhece a Si mesmo e todas as coisas existentes e possíveis, as que são e as que poderiam ser. Sentimos que a maneira é a extensão deste conhecimento são incompreensíveis para nós. O conhecimento de Deus é dessemelhante ao nosso; não é sucessivo, adquirido gradativamente, mas intuitivo. Não é parcial, imperfeito e relativo como o nosso, mas imediato e perfeito, correspondendo a verdade das coisas.
  - **Bondade**
  - **Amor** - O amor de Deus é um conceito central nas concepções monoteístas de Deus. Na teologia, este amor é o atributo divino segundo o qual Deus deseja dirigir-se ou comunicar-se bondosamente à sua criação. Nas palavras do teólogo calvinista Louis Berkhof, este amor é "*a perfeição de Deus pela qual Ele é movido eternamente à Sua própria comunicação*". Em virtude da santidade divina, Deus "*ama as Suas criaturas racionais por amor a Si mesmo, ou, para expressá-lo doutra forma, neles Ele se ama a Si mesmo, Suas virtudes, Sua obra e Seus dons*".
  - **Santidade**
  - **Justiça**
  - **Verdade**
  - **Soberania**
  - **Vontade**

A leitura de alguns dos nomes de Deus pode ajudar em saber como é Deus. Eles são os seguintes:

- Elohim – O Forte, divino (Gênesis 1:1)
- Adonai – Senhor, indicando uma relação de Mestre para servo (Êxodo 4:10, 13)
- El Elyon – O mais Alto, o mais Forte (Gênesis 14:20)
- El Roi – o Forte que enxerga (Gênesis 16:13)
- El Shaddai – Deus Todo-Poderoso (Gênesis 17:1)
- El Olam – Eterno Deus (Isaías 40:28)
- Yahweh – SENHOR "Eu Sou", significando o Deus eterno auto existente (Êxodo 3:13,14).



### Atributos de Deus na Bíblia:

- Deus é **eterno**, o que significa que Ele não teve início e que a Sua existência jamais irá cessar; é **imortal**, **infinito** (Deuteronômio 33:27; Salmos 90:2; 1 Timóteo 1:17);
- Deus é **imutável**, o que quer dizer que Ele não muda e isto significa que Ele é absolutamente **confiável** (Malaquias 3:6; Números 23:19; Salmos 102:26,27);
- é **incomparável**, o que quer dizer que não há ninguém como Ele em obras ou ser; é **inigualável** e **perfeito** (2 Samuel 7:22; Salmos 86:8; Isaías 40:25; Mateus 5:48);
- Deus é **inescrutável**, o que significa que Ele é **imensurável**, **incontrável**, **impossível de ser inteiramente entendido** (Isaías 40:28; Salmos 145:3; Romanos 11:33,34);
- Deus é **justo**, o que quer dizer que Ele não demonstra favoritismo por algumas pessoas (Deuteronômio 32:4; Salmos 18:30);
- Deus é **onipotente**, o que significa que Ele é todo-poderoso e pode fazer qualquer coisa que Lhe agrada, mas as Suas ações estarão sempre de acordo com o resto de Seu caráter (Apocalipse 19:6; Jeremias 32:17, 27);
- Deus é **onipresente**, o que significa que Ele está sempre presente, em todos os lugares, e isto não significa que Deus seja tudo (Salmos 139:7-13; Jeremias 23:23);
- Deus é **onisciente**, o que significa que Ele conhece o passado, o presente e futuro, até mesmo aquilo que nós estamos pensando em qualquer dado momento, e como Ele sabe tudo, Sua justiça será sempre administrada de forma justa (Salmos 139:1-5; Provérbios 5:21; Salmos 147.5. e 1º João 3.20);
- Deus é **um**, o que significa não apenas que não haja outro, mas também que Ele é **único** em ser capaz de conhecer as mais profundas necessidades e anseios dos nossos corações, e somente Ele é **digno da nossa adoração e devoção** (Deuteronômio 6:4);
- Deus é **reto**, o que significa que Deus não pode e não irá ignorar o erro, e é por causa da Sua **retidão e justiça**, para que nossos pecados fossem perdoados, que Jesus teve que experimentar o julgamento de Deus quando nossos pecados foram postos sobre Ele (Êxodo 9:27; Mateus 27:45,46; Romanos 3:21-26);
- Deus é **soberano**, o que significa que Ele é supremo, e toda a Sua criação posta junta, conhecedora ou não-conhecedora, não pode impedir os Seus propósitos (Salmos 93:1; 95:3; Jeremias 23: 20);
- Deus é **espírito**, o que significa que Ele é **invisível** (João 1:18; 4:24);
- Deus é uma **Trindade**, o que quer dizer que Ele é três em um, de mesma substância, com poderes e glória iguais – note-se na primeira passagem da Escritura citada que o 'nome' é singular, apesar de se referir a três Pessoas distintas - "Pai, Filho e Espírito Santo" (Mateus 28:19; Marcos 1:9-11);



- Deus é **verdade**, o que significa que Ele está de acordo com tudo o que Ele é, e Ele irá permanecer incorruptível e não pode mentir (Salmos 117:2; 1 Samuel 15:29);
- Deus é **santo**, o que significa que Ele está separado de toda poluição moral e a ela é hostil - Deus vê tudo o que é mal e o mal O deixa enfurecido. O fogo é usualmente mencionado nas Escrituras junto com a santidade. Refere-se a Deus como um fogo que consome (Isaías 6:3; Habacuque 1:13; Êxodo 3:2,4,5; Hebreus 12:29);
- Deus é **gracioso** – isto incluiria Sua **bondade, benevolência, misericórdia e amor**, que são palavras que apenas de longe descrevem Sua bondade. Se não fosse pela **graça** de Deus, teríamos a impressão de que todos os Seus outros atributos nos excluiriam Dele. Felizmente, este não é o caso, pois Ele deseja conhecer a cada um de nós pessoalmente (Êxodo 34:6; Salmos 31:19; 1 Pedro 1:3; João 3:16; João 17:3).

### Referências

- BERKHOF, L. *Summary of Christian Doctrine*. Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1939.
- BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. Campinas: LPC, 1995.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida nova, 2006.
- HODGE, Charles. *Systematic Theology*, vol. 1. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2005.
- MILNE, Bruce. *Os Atributos ou Perfeições de Deus*. Em MILNE, Bruce. *Know the Truth*. Inter-Varsity Press, Inglaterra, 1982.
- STEVENSON, John. *What is God Like?*

### ATRIBUTOS DIVINOS - Manuel Correa de Barros - Lições de Filosofia Tomista: L.24, C.1.

Disponível no site:

<http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine-data,Barros.MC,UmaIntroducaoAFilosofiaDeS.TomasdeAquino,PT.pdf>

### A SIMPLICIDADE.

O primeiro é a simplicidade, que é a ausência, em Deus, de toda e qualquer composição. Resulta de não poder haver em Deus composição de potência e ato, porque, como já vimos, embora a potência seja anterior ao seu ato, e por isso mesmo, toda a potência pressupõe um ser em ato, que lhe tenha dado, ou possa dar realização atual. Se em Deus houvesse a distinguir potência e ato, teríamos de lhe supor uma causa que tivesse feito passar ao ato essa potência, e ele já não poderia ser, em absoluto, o Primeiro. Deus é, portanto, **Ato Puro**, segundo a expressão lapidar de Aristóteles. Isso obriga-nos a dizer, antes de tudo, que Deus não é composto de partes quantitativas. A existência num todo é uma nova determinação acrescentada às partes, um ato a que elas estão em potência; e o todo está, por sua vez, em potência para a decomposição. Deus, portanto, é incorpóreo. E é imaterial, porque entre a matéria e a forma, a relação, como vimos, é a da potência para o ato. O motivo porque, nos seres materiais, pode haver vários indivíduos com igual essência





é precisamente a matéria, como já vimos, com todos os caracteres acidentais a que dá lugar. Os seres sem matéria são individuados pela essência. Deus, portanto, é a sua divindade. Também não há em Deus composição de essência e existência, que, ao tratar do ser, vimos estarem entre si como a potência e o ato. Deus é, portanto, o Seu ser. É "**o próprio Ser subsistente por si mesmo**", como escreve S. Tomás. Sem, entenda-se, querer dizer com isso que Deus é o ser das coisas, o que seria o panteísmo; a expressão designa o Ser em grau eminente, que por isso mesmo, se distingue do de todo o resto. Nem na ordem lógica pode-se atribuir a Deus composição, isto é, não podemos incluí-lo em nenhum gênero, nem em nenhuma espécie, o que obrigaria a distinguir nele caracteres genéricos e específicos. Fonte de todo o ser, que as categorias dividem, e depois os gêneros e as espécies, está acima do ser e das suas divisões. Alheio aos agrupamentos de que fazem parte todas as coisas, Deus é, portanto, o grande Isolado. E é também o **Indefinível**; porque uma definição essencial consta, precisamente, da indicação de gênero e da diferença que constitui a espécie. Também não há em Deus distinção de substância e acidentes. Os acidentes são determinações acrescentadas à substância, atos para os quais esta tem de estar em potência. Enfim, Deus é **simples** de toda a maneira. Em toda a composição há elementos; e, ou um desses elementos é o ato dos outros, ou todos estão em ato no composto. De qualquer forma, há um princípio potencial. Uma nota: a simplicidade de Deus não se opõe à Trindade das Pessoas. Nesse dogma, que a filosofia tem de ignorar, porque se funda unicamente na Revelação, Deus abre-nos um pouco do seu íntimo, dá-nos até certo ponto a conhecer a sua essência, revelando-nos que, embora único, não é solitário, na bela frase de S. Hilário de Poitiers. Mas cada uma das Pessoas divinas é Deus, é a essência, o ser, a divindade de Deus. Distinguem-nas só as relações pelas quais o Pai gera o Filho, e de ambos procede o Espírito-Santo. Essas relações são eternas e necessárias, por motivos de que a nossa razão não pode conhecer senão a simples conveniência e idênticas com a essência divina, em que por isso não introduzem composição. Mas isso é com a teologia. Eu não quis, aqui, senão evitar uma interpretação errada das minhas palavras.

#### **A ASSEIDADE.**

A existência de Deus pareceu-nos necessária como primeiro termo de todas as **séries de dependências** que encontramos no Mundo. Isso exige que, ao passo que tudo depende dele, Deus não dependa de coisa nenhuma. Tem de ter em si mesmo a razão de tudo quanto é. Não tem causa; não precisa dela; só precisa de causa quem não tem em si razão suficiente para existir. É de per si, a se. Destas palavras latinas se fez o nome de asseidade dado a este atributo. A mesma coisa resulta da simplicidade divina. Dizer que não há em Deus composição de essência e existência é dizer que Deus existe em virtude da sua essência; que é a sua essência a sua razão de ser. A asseidade é, portanto, idêntica à simplicidade. Da mesma maneira tem de ser idêntica à essência de Deus, e a todos os outros atributos, visto que os atributos, em Deus, não se distinguem realmente da essência, já vimos que a simplicidade assim o exige.

#### **A PERFEIÇÃO.**

Passemos à perfeição de Deus. Nos seres materiais, perfeição é quase sempre sinônimo de complicação. Essas coisas são feitas e feitas com partes ou materiais preexistentes, de possibilidades sempre limitadas. As simples, por não se poderem adaptar a todos os casos e a todas as necessidades, só imperfeitamente conseguem o seu fim; as mais perfeitas, se não têm essas deficiências, é à custa duma maior complicação no número ou na disposição das suas partes. A Deus, que é simples, não podemos atribuir uma perfeição assim



entendida. É preciso por isso observar que o paralelo entre a perfeição e a complicação não é absoluto. Há na perfeição **três graus** a considerar: o primeiro, e o mais baixo, é a pobreza de perfeição das coisas simples que, por serem aptas para pouco, só podem ter uma atividade muito rudimentar; o segundo é a complicação das coisas bem apropriadas ao seu fim, mas que precisam de órgãos especiais para cada modalidade da sua ação; o mais alto é a riqueza de perfeição das coisas que, sem necessidade de disposições complicadas, estão aptas a atingir o seu fim. S. Tomás costuma dar este exemplo muito simples: a pior saúde é a da pessoa que nem com auxílio de remédios pode passar bem ou não faz tratamento nenhum; segue-se a da pessoa que se mantém em boa saúde à custa de muitos remédios e tratamentos complicados; finalmente, a melhor é a de quem não precisa de remédios para ter saúde. Vê-se pelo que disse que, no seu mais alto grau, a perfeição encontra a simplicidade. É, de maneira eminente, o caso de Deus, absolutamente simples e soberanamente perfeito. Que não podemos deixar de atribuir a Deus a perfeição resulta da consideração seguinte: uma coisa diz-se perfeita na medida em que nada lhe falta do que compete ao seu modo de ser, isto é, na medida em que É em ato. Deus, ato puro, deve por isso dizer-se perfeito sem restrições. Mas a perfeição, como o ser, como todos os atributos positivos, é-lhe atribuída em grau eminente, por analogia. A perfeição das criaturas está sujeita a um modo determinado; a de Deus é superior a todos os modos. Podemos dizer que em Deus existem as perfeições de todas as coisas, mas virtualmente, exprimindo com isso que as coisas dependem dele por tudo quanto têm de perfeito, pela totalidade do seu ser.

#### **A BONDADE.**

A bondade toma-se em metafísica no seu sentido geral de qualidade do que é bom, e não no restrito de qualidade do que é bondoso. E, como se disse na lição anterior, o bem ontológico é idêntico ao ser. É o ser considerado como fim, natural ou consciente, duma ação. Deus, portanto, Ser Supremo, é também o supremo Bem. Podemos distinguir no bem uma tríplice feição. O fim próximo duma ação, subordinado por sua vez a um fim mais geral, é bom, é desejável e desejado, como instrumento, pela sua utilidade. O fim remoto da ação é procurado por si mesmo; é ele, propriamente, o bem desejado. Finalmente, a obtenção do fim dá lugar ao repouso, e, nas ações conscientes, à alegria. É esse um novo bem, desejado na ação, mas não é propriamente o seu fim; é reflexão do agente sobre o bem possuído, e, precisamente por ser este último que a ação procurava, esta cessa uma vez que o atingiu. A estas três modalidades do bem chamavam a Escola o ÚTIL, o HONESTO e o DELEITÁVEL. O bem útil, forma imperfeita, relativa, não convém a Deus, que, para ser Deus, tem, como vimos, de ser independente em absoluto. Mas as outras duas formas devem-lhe ser atribuídas em grau eminente, confundidas na simplicidade de Deus, com cuja essência se identifica. Voltarei a este assunto quando falar da vontade e da felicidade de Deus.

#### **A INFINIDADE.**

Também quanto à infinidade se deve fazer uma distinção. Há a considerar o infinito potencial, que exprime só a possibilidade dum acréscimo indefinido, e o infinito em ato, a plenitude do ser, possuída sem limites. A primeira forma de infinidade não traduz nenhuma perfeição; não diz senão o que uma coisa não é, e podia ser. A segunda é a perfeição total; é só ela que devemos atribuir a Deus. A infinidade de Deus, portanto, não é senão a negação de todo e qualquer limite ao seu ser. Pelo que já disse, facilmente se estabelece que Deus seja infinito. Uma limitação pode vir duma causa exterior; mas Deus, Causa Primeira, não está sujeito a nenhuma outra, e nenhuma por isso pode limitá-lo. O ser duma coisa é ainda limitado pela sua essência; o



que uma coisa pode ser sem se desmentir mede o ser que nela pode ser recebido. Mas em Deus não há dualidade de essência e existência; a sua essência identifica-se com o seu ser, que por isso não pode limitar. Deus não tem, portanto, limite, nem extrínseco, nem intrínseco; é infinito. Há uma objeção contra a infinidade de Deus que facilmente se resolve. Pode parecer que o ser das coisas limita o ser de Deus; que o que nós somos, o que são as coisas distintas de Deus, falta a Deus. Mas não devemos esquecer que Deus é transcendente; que vive num plano diverso do nosso. O ser de Deus não é o nosso ser. São valores heterogêneos entre os quais não há adição. Deus é o seu ser; nós temos o nosso, emprestado, de certo modo. Deus e nós não somos mais de que Deus só, porque o nosso ser depende de Deus, essencialmente; também a luz do Sol não é aumentada pela da Lua, que não passa de luz do Sol que a Lua refletiu.

### **A IMUTABILIDADE.**

Além de negarmos de Deus toda a composição, dependência, imperfeição, todo o limite, devemos negar dele toda mudança. Uma coisa que muda, muda do que é para o que não é; e em Deus não há qualquer potencialidade. A mudança exige uma causa, um motor; e Deus é o Primeiro Motor, como já vimos. Se uma coisa se move a si mesma, é porque uma parte move outra; e em Deus não há partes. Devemos, portanto dizer que Deus é imutável em absoluto, e que a imutabilidade, como todos os outros atributos, se identifica com a sua essência. Quando por isso dizemos que Deus vê, perdoa, resolve, castiga, e outras coisas semelhantes, há antropomorfismo na maneira de falar que devemos ter todo o cuidado em não deixar passar para a ideia que exprimimos. Todas essas expressões se devem entender de Deus por analogia. Atribuímos-lhe de maneira eminente, na simplicidade da sua essência, as realidades que em nós se traduzem pelos atos a que damos esses nomes; nada mais. Deve ficar bem claro no nosso espírito que Deus não muda de qualquer maneira que seja, nem substancial nem acidentalmente, nem de ideias nem de resolução. Em Deus não há nada disso. Há um ser simples e ilimitado, de que o nosso espírito não pode fazer uma pálida ideia senão olhando-o por facetas, vendo-o à maneira humana; mas sem atribuir a Deus o que, nessa maneira de ver, é simples exigência da nossa inteligência imperfeita. Ser imutável é próprio a Deus. Tudo o mais está sujeito à mudança, duma maneira ou doutra. As coisas materiais mudam na substância e nos acidentes. As formas puras, os Anjos, não mudam substancialmente, mas mudam de operação; aplicam-se a uma coisa depois de se terem aplicado a outra. Os astros, no tempo de S. Tomás, constituíam uma dificuldade, visto se supor, então, que não evoluçionavam; mas, observa S. Tomás, mudam pelo menos de lugar. E, vista a questão por outro lado, olha as coisas não em si mesmas, mas na sua dependência da Causa Primária, todas, absolutamente falando, estão sujeitas à mais radical das mudanças, ao aniquilamento; porque todas estão em potência ao não-ser, visto o não existirem não contrariar a sua essência. Só o ato criador que lhes dá o ser as mantém existentes.

### **A ETERNIDADE.**

Quando pensamos na eternidade, vem-nos irresistivelmente ao espírito a ideia duma duração indefinida, dum tempo que nunca começou e há de durar para sempre. Semelhante eternidade não pode atribuir-se a Deus. É um infinito potencial; equivale a supor a vida de Deus correndo como a nossa, constituída por instantes sucessivos, vividos um de cada vez. A eternidade de Deus identifica-se com a sua imutabilidade, e, nunca é demais repeti-lo, com todos os outros atributos divinos. Consiste em estar Deus fora do tempo; é, na frase inexcelsivelmente feliz de Boécio "a posse total, inteira e simultânea duma vida sem limites". Por





isso diz Sertillanges que, por paradoxal que pareça, a melhor imagem que podemos formar da eternidade é o ponto, que não tem dimensões, e não a reta, que se prolonga indefinidamente nos dois sentidos. Deus é eterno porque é imutável. Para ele não há tempo. O tempo mede a evolução das coisas; ora em Deus nada evoluciona. E a nossa evolução não pode medir a vida divina; todas as coisas, sejam de ontem, de hoje ou de amanhã, dependem igualmente de Deus por tudo quanto são, na sua evolução também. Por parte de Deus, nada muda nessa relação de dependência, que da sua imutabilidade suspende as nossas mudanças. Deus não está por isso sujeito ao tempo, seja a que título for. Nada o relaciona especialmente com um instante particular. O nosso tempo não pode medi-lo. A eternidade é portanto transcendente ao tempo. Se partimos deste, é porque a negação do tempo em Deus é a única via pela qual podemos abordar a sua eternidade.

### **A IMENSIDADE.**

Pela imensidade, entendemos que Deus não pode ser contido em nenhum lugar. E a razão é sempre a mesma: a transcendência divina. Deus é transcendente às coisas e, portanto, também às suas relações espaciais. E como todas, estejam onde estiverem, dependem igualmente Dele, nenhuma coisa pode servir para localizá-Lo. Deus está em toda a parte, se entendermos por isso que, em toda a parte, tudo Dele depende; não está em parte nenhuma, se "por estar em qualquer parte", entendermos que a algum lugar se pode limitar a sua ação. Assim como a eternidade não é um tempo ilimitado, a imensidade não se deve imaginar como uma extensão indefinida. Isso seria um infinito potencial. Deus é imenso por não estar sujeito ao espaço; por a sua única relação com o espaço ser a da causa para o efeito causado.

### **A UNIDADE.**

Há um só Deus? A fé afirma-o; mas não é só a fé a dizê-lo. As razões que nos levam a afirmar que Deus existe forçam-nos também a concluir que ele é só um. Se houvesse vários deuses, teriam de se distinguir por alguma diferença, visto que, sendo imateriais, não poderiam ser individuados pela matéria. E a diferença seria necessariamente uma perfeição que pertencesse a um e não aos outros, que, assim, não seriam absolutamente perfeitos. Não pode, portanto, haver senão um Deus. A consideração da ordem do Mundo leva à mesma conclusão. A existência de vários ordenadores não poderia conduzir a uma ordem universal, em que se integrassem todas as coisas.

### **A INTELIGÊNCIA.**

Que devemos atribuir a Deus a inteligência resulta imediatamente da quinta via de S. Tomás. A ordem do Mundo, que exige um Deus ordenador, exige, claro está, que ele seja inteligente. Mas há outras razões que nos levam à mesma conclusão, e nos esclarecem melhor sobre o que poderá significar essa palavra, aplicada a Deus por analogia, como todas. A inteligência é a faculdade do conhecimento intelectual, no qual o espírito, assimilando a lei própria do objeto conhecido, a sua forma, despida da matéria, se submete de certo modo a essa lei, se rege por essa forma nos raciocínios a que procede a respeito do objeto, e assim, tomando a sua forma, se identifica com ele na medida em que o conhece. Tal identificação com uma forma despojada da matéria, em que, na realidade, existe, exige, evidentemente, um princípio imaterial também. É isso, como adiante veremos, que nos leva a afirmar a imaterialidade do espírito humano. Reciprocamente, a atividade intelectual é o campo de ação próprio das faculdades ou dos seres imateriais. A Deus, portanto, sumamente imaterial, devemos atribuir a inteligência em grau eminente. Mas a inteligência não é em Deus uma



faculdade, como em nós; a sua simplicidade obriga-nos a identificá-la com a própria essência divina. O objeto da inteligência divina é o próprio Deus. Realmente; a nossa inteligência está para o objeto que conhece na relação da potência para o ato. É capaz de conhecer o objeto; é, em potência, o objeto, visto que no conhecimento se identifica com ele. Ora em Deus não há potência; é ato puro. Por isso, a sua inteligência não pode ter um objeto distinto de si, perante o qual faria o papel de potência. Tem-se a si mesmo por objeto. Deus é o seu ato de inteligência; ou, como diz S. Tomás na Suma, "conhece-se a si mesmo por si mesmo". O conhecimento que Deus tem de si mesmo é perfeito, visto que nele a identidade entre a inteligência e o seu objeto não é só ideal e transitória, mas real. Por outro lado, como as coisas dependem de Deus por tudo quanto são, Deus conhece perfeitamente todas as coisas conhecendo-se a si mesmo; conhece-as na sua vontade, que as faz existir.

### **A VERDADE.**

A verdade transcendental é idêntica ao ser. Não podemos por isso deixar de atribuir, por analogia, a Deus, que diremos ser a Suprema Verdade. Como há em Deus identidade entre a inteligência e o seu objeto, podemos dizer indiferentemente que a verdade de Deus consiste em conhecer-se tal como é, ou em ser tal como se conhece. Não há em Deus distinção entre a verdade lógica e a verdade ontológica. E, como Deus conhece as coisas na sua vontade, e elas são como Deus as quer, o seu conhecimento das coisas é também eminentemente verdadeiro. Em Deus, o conhecimento não depende das coisas, como o nosso; são as coisas que dependem do conhecimento divino, idêntico à vontade de Deus. Por isso podemos definir a verdade das coisas, não, como tínhamos feito, a partir da possibilidade de serem conhecidas tais como são, mas a partir da sua conformidade com o conhecimento divino. A verdade ontológica ou transcendental dum ser será então esse ser encarado como conforme com o conhecimento que Deus dele tem.

### **A VONTADE.**

Há em todas as coisas uma tendência a atingir o fim que, de acordo com a sua natureza, lhes compete, a que podemos chamar um apetite natural. Nos seres inteligentes, essa tendência é consciente, é tendência para um fim conhecido como tal, e chama-se vontade. Assim, como, portanto, por analogia, atribuímos a Deus a inteligência, devemos atribuir-lhe também a vontade. Simplesmente, como o fim, a causa final, é a "causa das causas", e Deus é a Primeira Causa, em absoluto, não podemos supor à sua vontade um fim distinto dela. Deus é o seu próprio fim, como é o seu próprio conhecimento; é autossuficiente sob todos os aspectos. E se Deus quer outras coisas, distintas de si, é tomando-se a si mesmo como fim; quer que existam, diz S. Tomás, "porque convém à divina bondade que outros seres dela participem". A vontade de Deus é livre? Sem dúvida nenhuma. Uma vontade diz-se livre quando não é determinada por nenhuma causa exterior na escolha dos seus meios; e Deus não pode ser determinado por ninguém. Pode objetar-se com a imutabilidade divina, que parece tornar necessário que Deus queira tudo quanto quer. De fato, o fim da vontade divina, por ser o próprio Deus, como já disse, é necessário, duma necessidade intrínseca, que é a de Deus; mas os meios que escolhe não o são, falando em absoluto. Se Deus quer uma coisa, é evidentemente necessário que a queira, como é necessário que um homem esteja sentado, quando está sentado; mas é uma necessidade que vem precisamente de Deus querer isso; não impede a liberdade do decreto da vontade divina que escolhe essa coisa.



### **A OMNIPOTÊNCIA.**

Visto Deus não ser limitado por nada, e ser de Deus que as coisas recebem tudo quanto são, devemos dizer que Deus pode tudo quanto quer, que é onipotente. O nome de potência, dado assim ao poder divino, não deve nos induzir ao erro. Não se trata, como em nós, duma faculdade pela qual somos causa, em potência, de efeitos determinados, e que passa ao ato quando, efetivamente, estamos a produzir esses efeitos. A potência de Deus é puramente ativa; só lhe corresponde mudança no objeto da sua ação, em nós. Deus não muda quando atua: é Motor Imóvel. A sua ação é simples e imutável, e idêntica à essência divina; Deus age sem restrições quanto ao tempo, que não o abrange, e os termos ação e potência, como todos os outros, só se lhe podem aplicar por analogia. Ao contrário de alguns teólogos e filósofos, entre os quais, até certo ponto, Scot e Descartes, S. Tomás diz com Aristóteles e S. Agostinho que Deus não pode o absurdo. E a razão é simples. Não poder o absurdo não diminui a onipotência de Deus, porque o absurdo não é nada; pura e simplesmente, não é. Conceber o absurdo é uma fraqueza da nossa inteligência, que começa por considerar separadamente os elementos duma definição contraditória, e só quando os quer ligar reconhece a sua impossibilidade. Uma inteligência mais perfeita, mais sintética, nunca pensaria o absurdo como possível; nem sequer se lhe poria uma questão que é, afinal, a da possibilidade do impossível. Afastado assim de Deus o que não passa duma imperfeição nossa, podemos dizer sem restrições que Deus pode tudo, absolutamente tudo.

### **O AMOR.**

A palavra amor designa em nós coisas muito diferentes. Há o amor paixão em que o espírito, como o nome indica, tem um papel passivo, ímpeto veemente da sensibilidade que ofusca a inteligência e se sobrepõe à vontade, e há o amor propriamente dito, primeiro movimento da vontade, que nela desperta o impulso para o bem que o amor tem por objeto. Esse amor, que num homem é sempre acompanhado dum elemento sensível, pode ainda ser de desejo, pelas coisas que procuramos para bem nosso ou dos nossos amigos, ou de amizade, por aquelas a quem estamos irmanados, unidos, por algum laço, e cujo bem desejamos como o nosso próprio. O amor-paixão não convém de forma alguma a Deus, que é incorpóreo. Mas o amor propriamente dito convém-lhe eminentemente, sem mistura, claro está, de sensibilidade, que não pode existir em quem não tem corpo. Por causa da simplicidade divina, devemos identificar o amor, em Deus, com a sua própria essência. Como objeto do seu amor, Deus tem, antes de tudo, a Si mesmo. Mas tem, ainda, amor de desejo a todas as coisas, visto que as quer, não porque precise delas, mas para que nelas se possa refletir a sua bondade. E, di-lo a teologia, tem amor de amizade pelas criaturas racionais, unidas a ele pela participação, dada ou prometida, na sua própria bem-aventurança.

### **A VIDA.**

Dizem-se vivos os seres que se movem a si mesmos. Ora Deus é imutável; não é movido, nem se move, no sentido rigoroso da palavra. Vejamos, portanto o que pode significar a vida, que atribuímos a Deus em grau eminente. No mais baixo grau da escala dos seres vivos, vemos as plantas executar movimentos, de crescimento, assimilação e reprodução, regidos pela forma que da natureza receberam. Mais acima, encontramos os animais, que recebem dos sentidos o princípio determinante de cada ação particular, mas sem conhecerem o fim para o qual essa ação tende, o fim que lhes é ditado pela natureza. Acima deles, há as criaturas racionais, que não só recebem das suas faculdades as formas das suas ações, mas conhecem e



escolhem o fim próximo destas. Não podem, no entanto, escolher os primeiros princípios da sua inteligência, nem o último fim das suas ações, que é a realização plena da sua natureza. Vemos, portanto, que à medida que subimos na escala dos seres vivos, encontramos um conhecimento cada vez mais perfeito e uma vontade cada vez mais autônoma. Não podemos por isso deixar de atribuir a vida, no grau supremo, a Deus, que, por ser idêntico à sua inteligência e à sua vontade, não é determinado por ninguém estranho nem quanto ao seu conhecimento nem quanto ao seu fim.

#### **A BEM-AVENTURANÇA.**

O repouso que se segue à plena posse dum fim que satisfaz todos os impulsos naturais dum ser, de que falei ao tratar do bem deleitável, chama-se, nas criaturas racionais, a sua felicidade, a sua bem-aventurança. Ora o fim de Deus é a própria essência divina, como já disse. Não podemos por isso recusar-lhe a bem-aventurança, e bem-aventurança perfeita, visto que o fim é perfeito, e possuído o mais perfeitamente possível: mais do que em união, em identidade. Não há em Deus impulsos naturais, e por isso também este termo só se lhe aplica por analogia; mas o seu ser é a plena realização da sua natureza, de que, na realidade, não se distingue. Podemos, portanto, dizer que a vida de Deus é felicidade sem limites, na plena posse, no pleno amor, no pleno conhecimento, da sua natureza perfeita, necessária, imutável, eterna.